

Genealogias da dissidência: uma reflexão crítica sobre a história cultural e o cânone em Portugal

Prof.^a Dr.^a Anna M. Klobucka (UMass Dartmouth)

Entrevistadoras:

Tamara Roza Campos Amaral (UFF)

Bianca Gomes Borges Macedo (UERJ/CAPES)

A entrevista com Anna Klobucka articula, sob uma ótica contemporânea, a reflexão sobre o cânone literário português e luso-brasileiro a partir de pressupostos feministas e *queer*. O diálogo oferece contributos atuais para o combate ao apagamento histórico das vozes femininas e dissidentes e a reconstrução da história cultural das minorias sexuais em Portugal.

A professora Anna Klobucka tem reputada trajetória acadêmica com carreira de excepcional prestígio internacional. Até 2025, ano em que se aposentou, lecionava no Departamento de Português da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), focando-se em literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa, além de colaborar com o programa de *Women's and Gender Studies*. A sua vasta bibliografia inclui obras como *O Mundo Gay de António Botto* (2018), *O Formato Mulher* (2009) e *Mariana Alcoforado: formação de um mito cultural* (2006). Coeditou diversos volumes acadêmicos sobre gênero e pós-colonialismo e é, atualmente, coeditora da revista *Journal of Feminist Scholarship*. As suas incursões teóricas recentes centram-se na desconstrução feminista e *queer* da tradição literária portuguesa e brasileira, principalmente na época modernista. Esta análise, aliada ao estudo da história cultural das minorias sexuais, reitera a relevância e a centralidade das suas teses no panorama intelectual atual.

Nesta entrevista, Klobucka dialoga com aportes teóricos fundamentais como Hélène Cixous, Judith Butler, Nancy Miller, Eve Kosofsky Sedgwick e Jack Halberstam, reivindicando uma revisão profunda da historiografia literária portuguesa, propondo a escavação de autoras apagadas e a historicização dos mecanismos institucionais que subalternizaram a produção feminina.

Ademais, a entrevista reflete um pensamento crítico sobre a reconfiguração do cânone e a expansão do modernismo luso-brasileiro para além da hegemonia masculina, integrando corporalidade e gênero como elementos estruturantes. Klobucka propõe uma leitura reparadora não apenas das obras, mas também das trajetórias femininas e dissidentes no contexto português em autores como Alice Moderno, Fernanda de Castro, Luiza Neto Jorge, Olga de Moraes Sarmiento, Virgínia Quaresma e Antônio Botto.

Além de apresentar o trabalho de investigação de Klobucka debruçada à premente necessidade de expandir a exegese das questões de gênero e sexualidade no modernismo português, esta entrevista convida o leitor para uma reflexão sobre o reposicionamento do cânone modernista, considerando as genealogias da dissidência e a porosidade das fronteiras — geográficas e identitárias — na produção cultural do período.

PALIMPSESTO

1) No seu artigo “Sobre a hipótese de uma *herstory* da Literatura Portuguesa”, a senhora discute como a historiografia literária portuguesa foi construída a partir de uma tradição em que a autoria, a autoridade e a legitimidade estética estiveram historicamente associadas ao sujeito masculino. Esse problema dialoga diretamente com a reflexão de Michel Foucault no ensaio *O que é um autor?* (1969), no qual o filósofo propõe compreender a autoria não como uma propriedade natural do sujeito que escreve, mas como uma função discursiva produzida por determinados regimes de classificação, circulação e legitimação dos textos. Considerando essa perspectiva, gostaria de perguntar: como a hipótese de uma *herstory* da literatura portuguesa permite repensar a própria “função-autor” no interior da tradição literária nacional, especialmente no que diz respeito aos mecanismos críticos e institucionais que historicamente condicionaram o reconhecimento — ou o apagamento — da autoria feminina?

ANNA M. KLOBUCKA

Foi justamente à volta da revisão pós-estruturalista da ideia de autoria que se gerou um dos debates críticos mais produtivos na área dos estudos literários feministas nos finais do século XX. Assim, comentando as implicações do conceito da “função-autor” articulado por Foucault, Nancy Miller replicava: “Que importa quem está a falar? Responderia que importa, por exemplo, a mulheres que perderam e continuam a perder o

seu nome próprio no casamento e cuja assinatura (...) não tinha sequer o valor do papel em que era colocada; mulheres para quem a assinatura – em virtude do seu poder no mundo em que circula – não pode deixar de ser importante. Só os que têm podem brincar com a ideia de não ter” (em *Subject to Change. Reading Feminist Writing*, 1988, p. 75). Qualquer avaliação panorâmica do sistema literário luso-brasileiro nestes termos tem que se confrontar, no entanto, com as materialidades históricas distintas que moldaram este sistema, em particular o acesso muito mais restrito à cultura letrada que a sua população em geral, e a feminina em particular, experimentava ao longo dos séculos por comparação com os espaços de língua inglesa, francesa ou alemã. A geração das críticas e teóricas feministas anglo-americanas exemplificada aqui por Miller concentrou-se parcialmente em recuperar, mas sobretudo em reler e reinterpretar os produtos da autoria feminina desvalorizados pela história literária canônica, ao passo que no cenário da literatura portuguesa é incontornável o esforço primário da escavação das autoras e das obras por vezes completamente apagadas do registro histórico. E é igualmente importante, em paralelo e em concerto com a recuperação das presenças, historiar também as ausências, ou seja, os vazios produzidos pela ação daqueles mecanismos institucionais e epistémicos que ao longo dos tempos privilegiaram e universalizaram a experiência, a subjetividade e o protagonismo masculinos, subalternizando ou mesmo inviabilizando inteiramente as realizações femininas.

PALIMPSESTO

2) A sua produção bibliográfica é vasta e profundamente inovadora. O seu estudo “Pessoa(s), poetas e poetisas”, publicado na *Revista Estranhar Pessoa* (nº 9, 2022) contribui decisivamente para reavaliar o lugar das mulheres na literatura portuguesa entre o final do século XIX e o início do XX, interrogando os mecanismos de invisibilização que afetaram tanto a produção literária feminina quanto a sua participação em debates sociais e políticos, como o sufrágio, a educação e a cidadania. A sua investigação ilumina, assim, não apenas as obras, mas também as trajetórias de autoras, como Alice Moderno (1867-1946), por exemplo, que desafiaram normas de gênero e estruturas patriarcais, propondo uma reescrita crítica da historiografia literária. Considerando esse duplo apagamento — estético e histórico —, que caminhos metodológicos você considera

essenciais para que o resgate dessas autoras não seja apenas uma recuperação simbólica, mas uma reconfiguração efetiva da narrativa literária nacional?

ANNA M. KLOBUCKA

É certo e seguro que nem o resgate das autoras e das obras esquecidas nem a denúncia dos mecanismos de repressão e censura responsáveis pelo seu esquecimento são só por si suficientes para operar tal reconfiguração efetiva. Aqui entramos já no domínio das políticas da canonicidade no foro social alargado, englobando a construção de currículos escolares, mecanismos da promoção de leitura, o funcionamento do mercado editorial e assim por diante. Numa atualidade em que a própria prática de leitura, sobretudo literária, se vê cada vez mais ameaçada de extinção, talvez possa parecer supérfluo ou quixotesco (embora esta não seja a minha opinião) promover iniciativas igualitárias visando, entre outros fatores, uma maior representatividade de género nos conteúdos dos livros didáticos. Dito isto, no plano que de alguma forma controlo — o das orientações e metodologias da pesquisa acadêmica — creio que o artigo que citam oferece um exemplo de um dos métodos que tenho procurado desenvolver: cruzar os autores e textos canônicos (no caso, Fernando Pessoa) com os conteúdos do arquivo da produção literária de autoria feminina, procurando obter um efeito de iluminação mútua. Por exemplo, realizo no artigo uma leitura crítica (muito abreviada) de um poema de Fernanda de Castro (“Canção ao meio-dia”) em contraponto com o famosíssimo “Ela canta, pobre ceifeira” de Pessoa, procurando — além dos objetivos analíticos situados desta justaposição — expandir o domínio consagrado da literatura portuguesa modernista para além do que o circuito masculino dos próprios autores modernistas considerava digno de inclusão na sua órbita. Para se manter viva e relevante, a narrativa da história literária precisa de ser revisitada e reconfigurada pelas novas gerações de leitoras e leitores, e quero crer que tal revitalização se encontra em curso de forma contínua — posto que com algumas, por vezes muitas, resistências — no eixo cultural luso-brasileiro.

PALIMPSESTO

3) No seu livro *O formato mulher*, a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa moderna aparece ligada a processos complexos de legitimação no campo literário, envolvendo crítica, instituições culturais e modos de leitura. Pensando nesse processo à

luz das reflexões de Hélène Cixous sobre a escrita como um gesto de reinscrição do corpo e da subjetividade na linguagem, gostaria de perguntar: até que ponto a recepção crítica da poesia escrita por mulheres em Portugal esteve historicamente preparada — ou não — para reconhecer formas de expressão que escapam às expectativas tradicionais do sujeito lírico? Em outras palavras, a dificuldade de reconhecimento dessas autoras decorre apenas de fatores sociais e institucionais ou também de uma resistência crítica diante de formas de escrita que desafiam as categorias interpretativas consolidadas?

ANNA M. KLOBUCKA

Existe um repositório extenso de pareceres críticos sobre a poesia de autoria feminina e, mais globalmente, sobre as manifestações da intelectualidade feminina, que foram produzidos ao longo da história, remota, mas também recente, e que ilustram, por vezes com uma clareza cristalina, as operações do preconceito sexista ou mesmo misógino. Já naquele texto extraordinário que é *Carta de guia de casados* (1651), de D. Francisco Manuel de Melo, os conselhos oferecidos a um jovem fidalgo que vai casar incluem a insistência em não permitir à esposa que exercite a sua “graça” (eloquência, inteligência, sentido de humor) em público, pois tomando consciência da sua habilidade de brilhar ela nunca mais quererá manter o silêncio modesto próprio de uma mulher honrada. Esta valorização do recato e silêncio como as virtudes femininas prezadas acima de tudo afetava mesmo as raras mulheres literatas reconhecidas e celebradas pela sua escrita, como a Marquesa de Alorna, que, apesar do seu estatuto social privilegiado e da aura da fama literária que a cercava ao longo dos quase noventa anos que viveu, nunca mandou imprimir nenhum livro seu; os seus poemas vieram a lume somente nos meados do século XIX, pela mão das filhas. Mas quando justamente no século XIX e, sobretudo, nas primeiras décadas do XX se expande dramaticamente o acesso das mulheres à escrita e à publicação, aí as objeções passam a visar tipicamente já não o próprio facto de elas escreverem, mas o estilo, o conteúdo e a forma do que escrevem, ao passo que algumas autoras são elogiadas precisamente por não escreverem como as suas congêneres. Em 1937, José Régio diz o seguinte sobre Irene Lisboa na *Presença*: “se a autora desses livros originalíssimos se nos exhibe tão representativa do seu sexo, não é senão por não ser ela uma mulher como qualquer outra: não é senão por ser uma mulher excepcional” (n.º 50, p. 14-15). E agrada-lhe tanto este dispositivo de elogiar uma colega literata e ao mesmo

tempo rebaixar a classe a que ela pertence que mais tarde aplicará o mesmo diagnóstico a Florbela Espanca, dona de uma “excepcional e, por isso, representativa feminilidade” (num texto dos anos 1940 reproduzido em *Ensaio de Interpretação Crítica*, p. 172). Enquanto se confronta estes e muitos outros registos do passado, é difícil resistir à conclusão de que tal “resistência crítica” terá menos a ver com a desobediência da *écriture feminine* às “categorias interpretativas consolidadas” do que com o preconceito puro e duro (e, já que estou batendo no Régio, lembro aquela afirmação extraordinária dele, em “Literatura Viva” (1927) — o ensaio doutrinário que lança o projeto da *Presença* — de que “todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto” (nº 1, p. 27).

Dito isto, é claro que a formatação simbólica do sujeito lírico no masculino, e o repertório das estratégias concebidas por mulheres poetisas ao longo dos tempos para contornar o obstáculo estrutural que tal pressuposto representava (e até certo ponto ainda representa, certamente no que diz respeito à história literária) — tópicos que procuro explorar n’*O formato mulher*, guiada pelos versos luminosos de Luiza Neto Jorge (“Diferente me concebo e só do avesso / o formato mulher se me acomoda”) — têm sido fatores importantíssimos na construção dos imaginários coletivos das comunidades culturais e nacionais como a portuguesa e a brasileira. E o não reconhecimento desta importância, motivado pela adesão consciente ou inconsciente ao princípio do “falso neutro” (tão bem diagnosticado por Maria Isabel Barreno no ensaio epônimo), ainda demasiadas vezes subjaz à hermenêutica consagrada no campo da pedagogia ou divulgação literária.

PALIMPSESTO

4) *Modernidades ibéricas / The Routledge Companion to Iberian Modernities (1870 - 1930)*, publicada em 2025, oferece um panorama amplo e dinâmico das relações culturais ibéricas frente aos desafios da modernidade na virada do século XIX para o XX. Ao cruzar a historiografia das relações luso-espanholas com a história da dissidência sexual, seu capítulo “Enlaces feministas y sociabilidades lesbianas entre Portugal y España”, que integra a obra, mapeia redes de afeto e intercâmbios intelectuais/pessoais (enlaces), em vez de aplicar rótulos identitários modernos a figuras históricas que não os utilizavam, focando na agência discursiva e performativa de mulheres. Nesse sentido, de que forma

a análise da obra como *Ellas y Ellos ó Ellos y Ellas* (1917), de Carmen de Burgos (1867-1932), permite reconfigurar o conceito de “espaço ibérico” para além das afinidades políticas, propondo-o como uma cartografia de redes transnacionais de afetos dissidentes?

ANNA M. KLOBUCKA

Na realidade, embora eu proponha nesse ensaio que a novela de Carmen de Burgos poderá ser lida como um reflexo da socialização dela com algumas portuguesas lésbicas, como Olga de Moraes Sarmiento e Virgínia Quaresma, não há nenhuma indicação explícita disso em *Ellas y Ellos*, cuja ação se passa inteiramente em Madrid e cujas personagens são espanholas. Porém, a partir de algumas das novelas de Burgos ambientadas em Portugal, em particular *La Flor de la Playa* (1920), assim como do romance *La Quinta de Palmyra* (1925) do seu companheiro Ramón Gómez de la Serna, é de fato possível operar uma análise da circulação transnacional de afetos dissidentes no espaço ibérico, o que procurei realizar num outro artigo, “Por tierras de Portugal con Carmen e Ramón: negociações transibéricas de género e sexualidade” (*Iberic@l*, n.º 19, 2021). Argumento nele com base na análise das obras, mas também da experiência e das sociabilidades do casal em Portugal, que “o arquivo transibérico de Carmen de Burgos e Ramón Gómez de la Serna oferece materiais substanciais para uma reflexão sobre o potencial epistêmico de olhares e escritas que tanto ultrapassam as fronteiras nacionais como pressionam contra os limites normativos de sexualidade e género” (p. 20). E, para além disso, há ainda imenso por explorar nas vidas e nas obras femininas, sexualmente dissidentes ou não, que de alguma forma circularam entre Portugal e Espanha (e também fora da Península Ibérica, claro).

Já quanto ao repúdio à aplicação de “rótulos identitários modernos a figuras históricas que não os utilizavam”, a minha posição não é assim tão dogmática. Se por um lado convém reconhecer os condicionamentos históricos das obras e vidas que se procura iluminar, incluindo os seus horizontes epistêmicos e opções identitárias assumidas (quando é possível identificá-las), por outro lado muito se pode ganhar com o “modelo perversamente presentista da análise histórica” proposto por Jack Halberstam em *Female Masculinity*. Este método, evitando uma simples projeção de conhecimentos contemporâneos sobre o passado, permite, no entanto, “aplicar os discernimentos do

presente aos enigmas do passado” (p. 53), revelando a existência de “modos múltiplos de variação de gênero” (p. 59) tanto na época contemporânea como nos contextos históricos. Não reconhecer a lesbianidade em figuras históricas tão relativamente assumidas como, por exemplo, Virgínia Quaresma ou Alice Moderno, só porque elas mesmas não usavam (que se saiba!) esse rótulo, tão patologizado e vilipendiado ao longo da maior parte do século vinte, seria prolongar e reforçar o apagamento que a sexualidade dissidente delas sofreu nas biografias lançadas pelas pesquisadoras iniciais das suas vidas.

PALIMPSESTO

5) Considerando a leitura que a senhora desenvolve em *O mundo gay de António Botto* (2018), de que modo a construção da subjetividade homoerótica na obra de Botto pode ser interpretada à luz da noção de performatividade de gênero proposta por Judith Butler em *Problemas de gênero* (1990)? Em que medida essa perspectiva crítica permite tensionar não apenas os limites do cânone literário português, mas também os regimes discursivos de normalização da sexualidade no contexto do início do século XX?

ANNA M. KLOBUCKA

É certamente possível afirmar que a poesia homoerótica de Botto perturba a estabilidade garantida pelo que Butler teoriza na sua obra fundacional como as “relações de coesão e coerência entre o sexo, o gênero, as práticas sexuais e o desejo” (p. 17) socialmente construídas. A sua expressão, em primeira pessoa lírica, do desejo físico pelos corpos masculinos e, mais arrojadamente ainda, a afirmação da realização das práticas sexuais correspondentes na realidade empírica (e não apenas no sonho ou na imaginação, o que já por si seria escandaloso na época, mas não ilegal) foi genuinamente revolucionária na literatura em língua portuguesa (e não só). E o ponto mais importante aqui, na minha perspectiva, é que Botto abordava esses tópicos e pulsões afetivas como se estivesse inconsciente da transgressão enorme que representavam, com uma naturalidade serena que não admitia o peso da culpa ou autocensura moral. Mas ao mesmo tempo a sua performance da masculinidade cisnormativa (posto que não heteronormativa), na escrita e na vida, não destoava dos padrões dominantes na época: convencido da inferioridade das mulheres, por vezes abertamente misógino e crítico da efeminação masculina, Botto encarnava o que Eve Kosofsky Sedgwick teoriza em

Epistemologia do Armário (outro livro fundacional publicado em 1990) como um dos dois tropos de gênero, contraditórios entre si, que estruturam a história das conceitualizações e representações discursivas da homossexualidade no Ocidente desde os finais do século dezanove, nomeadamente o “tropo da separação dos gêneros”, que tende para uma assimilação mútua entre a identidade e o desejo, fazendo com que o homem mais masculino seja o que deseja e opta por conviver exclusivamente com outros homens (o tropo contrário seria o da inversão, que coloca o homossexual e a lésbica no limiar entre os gêneros, respectivamente como homem efeminado e mulher masculinizada).

Para responder à parte mais abrangente da pergunta, acho que ainda há muito por escavar e pensar sobre as questões de gênero e sexualidade na época modernista em Portugal, área de pesquisa que por diversas razões tem tido pouca adesão no meio acadêmico português. Trata-se afinal de uma época que testemunha uma desestabilização dramática do “contrato sexual” (termo avançado pela teórica feminista Carole Pateman no livro epônimo e que dialoga com o conceito consagrado do contrato social), sobretudo devido aos avanços da chamada primeira onda feminista, mas também como efeito da visibilização e elaboração discursiva das orientações sexuais e identidades de gênero que fugiam ao padrão cisheteronormativo. Há tantas obras da época, canônicas ou não, que podem (e devem) ser lidas ou relidas criticamente através deste enquadramento hermenêutico, quer para poderem ser recuperadas do esquecimento e devidamente apreciadas pela primeira vez, quer para serem iluminadas de uma maneira nova e surpreendente. Na categoria da recuperação posso mencionar, por exemplo, o romance *Nova Safo* (1912) do Visconde de Vila Moura, uma obra extraordinária a meu ver, como argumento no artigo que lhe dediquei; e na de releitura, as numerosas interpretações críticas ainda recentes da *Confissão de Lúcio* (1914) de Mário de Sá-Carneiro, a começar pelo estudo, fundacional para esta direção interpretativa, de Fernando Arenas, “Onde existir? A (im)possibilidade excessiva do desejo homoerótico na ficção de Mário de Sá-Carneiro” (2005). Mas há muito, muito mais ainda por fazer.

REFERÊNCIAS

ARENAS, Fernando. Onde existir? A (im) possibilidade excessiva do desejo homoerótico na ficção de Mário de Sá-Carneiro. *Metamorfoses*, Porto Alegre, v. 6, p. 159-68, 2005.

BARRENO, Maria Isabel. *O Falso Neutro*: Um Estudo sobre a Discriminação Sexual no Ensino. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1985.

BURGOS, Carmen de. *El Retorno*. Lisboa: Lusitania, limitada, 1922.

BURGOS, Carmen de. *Ellas y Ellos ó Ellos y Ellas*. Madrid: Imprenta de “Alrededor del Mundo”, 1917.

BURGOS, Carmen. *La flor de la playa y otras novelas cortas*. Madrid: Ed. de Concepción Nuñez Rey, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARNEIRO, Mário de Sá. *A confissão de Lúcio* - narrativa. Lisboa: Em casa do autor, 1914. Disponível em: <https://purl.pt/27947>.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Prefácio de Frédéric Regard. Posfácio de Flavia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DE LA SERNA, Ramón Gómez. *La quinta de Palmyra*: (novela grande). Madrid: Biblioteca Nueva, 1923.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 2020.

KLOBUCKA, Anna M. Enlaces feministas y sociabilidades lesbianas entre Portugal y España. In: MARTÍN-ESTUDILLO, Luis; DELGADO, Antonio Sáez (Ed.). *Modernidades ibéricas / The Routledge Companion to Iberian Modernities (1870 - 1930)*. London: Routledge (Taylor & Francis Group), 2025. p. 229-244.

KLOBUCKA, Anna. *Mariana Alcoforado*: formação de um mito cultural. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

KLOBUCKA, Anna. *O formato mulher*: A emergência da autoria feminina na poesia portuguesa. Braga/Coimbra: Angelus Novus, 2009.

KLOBUCKA, Anna. *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta, 2018.

KLOBUCKA, Anna M. Pessoa(s), poetas e poetisas. *Revista Estranhar Pessoa*, [S. l.], n. 9, p. 113-129, 2022.

KLOBUCKA, Anna M. Por tierras de Portugal con Carmen e Ramón: negociações transibéricas de género e sexualidade. *Iberic@l*, Paris, n. 19, p. 7-20, 2021. Disponível em: <https://sorbonne-universite.fr/>.

KLOBUCKA, Anna. Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 10, p. 13–25, 2008. Disponível em: <https://repository.lib.umassd.edu/esploro/outputs/journalArticle/Sobre-a-hip%C3%B3tese-de-uma-herstory/9914441017301301>.

MELO, Francisco Manuel de. *Carta De Guia De Casados*. Lisboa: Oficina de Paulo, 1651.

MILLER, Nancy K. *Subject to change: Reading feminist writing*. Columbia University Press, 1988.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RÉGIO, José. *Ensaio de Interpretação Crítica - Camões, Camilo, Florbela, Sá-Carneiro*. Porto: Brasília Editora, 1980.

RÉGIO, José. Literatura viva. *Presença*, n. 1, p. 2, 1927.

RÉGIO, José. Um dia e outro dia..., Outono havias de vir, por João Falco. *Presença*, n. 50, p. 14-15, 1937 [artigo reproduzido na Seara Nova de 8 de Janeiro de 1938].

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos pagu*, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

VILA-MOURA, Visconde de. *Nova Sapho – Tragedia Extranha – Romance de Pathologia Sensual*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1912.

Anna M. Klobucka: professora catedrática emérita de Estudos Luso-Afro-Brasileiros e Estudos Feministas na Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), onde ensinou principalmente literatura portuguesa e literaturas africanas em língua portuguesa. É autora de *Mariana Alcoforado: Formação de um Mito Cultural* (IN-CM, 2006; ed. original Bucknell University Press, 2000), *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (Angelus Novus, 2009) e *O Mundo Gay de António Botto* (Documenta, 2018). Co-organizou os volumes *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994* (Bucknell University Press, 1997), *O Corpo em*

Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade (Assírio & Alvim, 2010, ed. Original University of Toronto Press, 2007) e *Gender, Empire and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (Palgrave Macmillan, 2014). Tem em preparação um projeto de livro provisoriamente intitulado *Among Women: Cultural Agency, Sociability, and Sexuality on the Margins of Portuguese Modernism*, que consiste em historiar os protagonismos femininos e as redes de sociabilidade e colaboração entre as intelectuais e criadoras da época, nas quais estes protagonismos se inseriam – e que os potenciavam –, mapeando uma formação sociocultural que se manifesta em paralelo, e por vezes em confronto, com os coletivos masculinos do modernismo canónico. E-mail: aklobucka@umassd.edu | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1277-4073>.

Tamara Roza Campos Amaral: doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF, sob orientação de Ida Alves, onde desenvolve pesquisa sobre a poética de Ana Luísa Amaral, com foco no jogo de vozes. Possui Mestrado (2023) e Especialização (2020) em Literatura Portuguesa pela UERJ, orientada por Carlos Eduardo Soares da Cruz; no mestrado, investigou a poética de Golgona Anghel. Integra o grupo de pesquisa Poesia e Contemporaneidade (UFF), coordenado por Célia Pedrosa e Ida Alves, e o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, no qual atua desde 2020. Foi pesquisadora júnior do Real Gabinete Português de Leitura (2020–2021), no projeto Páginas paisagens Luso-Brasileiras, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian. É licenciada em Letras pela UFRRJ e atualmente integra o quadro efetivo de docentes municipal (SEMED/Japeri), além de tutora a distância na disciplina de Literaturas Africanas II (UFF/CEDERJ). E-mail: tamararoza@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4044-8566>.

Bianca Gomes Borges Macedo: doutoranda em Letras (Literatura Portuguesa), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - CAPES, pesquisa a produção contística de escritoras oitocentistas e a escrita de autoria feminina na imprensa periódica operária portuguesa entre os séculos XIX e XX, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo da Cruz. Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) também pela UERJ, seus estudos se debruçam sobre as representações das personagens femininas e a autonomia das mulheres

nas narrativas de autoria feminina. E-mail: biannca.mac@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2883-2589>.